

Um dia depois das brincadeiras, muita irritação

Presidente chega até a fazer piada de mau gosto

MARIA LIMA

Um tormento cotidiano. Com essas palavras o presidente Fernando Henrique Cardoso definiu ontem seus dias nas duas primeiras semanas de agosto, quando tem se equilibrado entre uma crise e outra. As voltas com dissabores como o escândalo do caso Dallari, seguido de problemas com a reforma tributária e do confronto com o trator Antônio Carlos Magalhães (PFL-BA), Fernando Henrique está, segundo amigos, visivelmente cansado e nervoso. Embora estivesse descontraindo na véspera, seu humor não resistiu ao agravamento da crise. Ontem, reconheceu que vive dias difíceis.

— Todos sabem do tormento cotidiano provocado pelos muitos problemas que caem sobre a minha mesa, todos os dias —



Fernando Henrique gesticula para fotógrafos, ao lado de Krause

desabafou, ao discursar para os ministros militares e os novos oficiais-gerais em cerimônia no Palácio do Planalto.

Os que convivem diariamente com o presidente testemunham seu esforço para manter-se equilibrado emocionalmente em seu primeiro agosto na Presidência, mas revelam: ele está especialmente irritado nos últimos dias.

— O presidente sempre foi emocionalmente muito equili-

brado. Dependendo da situação, fica mais ou menos bravo.

É inegável que por esses dias ele está mais bravo. Basta olhar — disse um de seus colaboradores mais próximos.

Mesmo cansado e nervoso, o presidente normalmente encontra meios de brincar e de mostrar que está de bom humor. Mas ontem, no auge da crise, nem isso conseguiu. Enquanto despachava com os ministros Gustavo Krause, do

Ailton de Freitas

Meio Ambiente e Recursos Hídricos, e Cícero Lucena, de Políticas e Desenvolvimento Regionais, chegou até a um destempo verbal, incomum em seu vocabulário. Enquanto os fotógrafos registravam o encontro dos três, o presidente fez uma brincadeira que surpreendeu a todos.

— O que vocês estão procurando? Hoje não tem meia furada, não tem nada. E se tiver alguém de cueca suja, não sou eu — disse.

O secretário-geral da Presidência, Eduardo Jorge Caldas, considera as dificuldades deste agosto naturais em qualquer início de semestre legislativo. Ele atribui as turbulências alimentadas pelos parlamentares a cobranças de suas bases durante o recesso.

— Toda vez que os parlamentares voltam das bases há um pouco mais de nervosismo, de inquietação, o que é natural. O presidente vai seguir normalmente, entendendo como é o processo e encaminhando suas propostas independentemente do eco das bases — disse Eduardo Jorge, que é vizinho de gabinete do presidente.